



Natanry Ludovico Osório

Em Goiânia, onde mora e sonhava em participar

Ajudar na consolidação de Brasília, um grande sonho

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Obstinada e uma entusiasta de Brasília. Assim é a pioneira Natanry Ludovico Osório. Uma goiana que trocou o conforto do lar e uma intensa vida social na capital, Goiânia, para auxiliar os candangos na grande obra.

Sua paixão por Brasília começou antes mesmo do assentamento dos primeiros tijolos aqui. Foi no Palácio das Esmeraldas, sede do governo de seu estado, que a jovem ouviu falar da profecia de Dom Bosco. Sempre atenta ao que diziam os familiares — o tio e governador de Goiás, José Juca Ludovico de Almeida, e a tia Iracema —, ela se mostrava fascinada com a idéia de mudança da capital. “Eu ficava atenta a tudo que diziam sobre a construção de Brasília, as controvérsias, os planos de mudança e falava comigo mesma: Hei de participar desta construção”, conta a pioneira.

Em meados de 1958, a estudante de Filosofia visitava pela primeira vez o tão sonhado local. Foi durante a primeira festa de São João no aeroporto de Brasília, que nessa época era todo em madeira. O evento foi promovido pela Aeronáutica, que fretou um avião só para a cerimônia. “Chegamos ao cair da noite. Um local ermo, desértico e muito

frio. Um frio de cortar os ossos e um vento devastador”, descreve Natanry. “Aquele céu imenso, as nuvens barrocas, a diversidade do cerrado, o ritmo acelerado das construções, os esqueletos de prédios em estrutura metálica e tratores por todo lado, aquilo tudo me fascinava.”

A imagem inusitada do aeroporto em madeira e a civilização brotando do nada também ficaram guardadas em sua retina. “Um simples galpão de madeira

sobre um imenso tapete de terra vermelha.” Os lacerdinhos (redemoinhos) não davam trégua. A saia rodada da estudante — última moda nos anos cinquenta — insistia em se levantar. Foram essas as imagens que a goiana levou de lembrança da nova capital até o seu retorno em definitivo um ano depois.

O destino estava mesmo a favor de Natanry. Moça de família e freqüentadora das matinês dançantes, ela conheceu na-

quele mesmo ano, de forma inusitada, o futuro marido. Foi durante um baile no Jockey Clube de Goiânia que o gaúcho e primeiro advogado de Brasília se declarou. “Ele era um misto de intelectual e conquistador, com a fama na cidade de ser um araquimilionário francês, que acabava de chegar de Paris, onde morou durante cinco anos”, descreve com a mesma surpresa daquela noite. “Ele me chamou pra dançar e já foi logo dizendo: mo-

NATANRY, COM O MARIDO ANTONIO CARLOS OSÓRIO (E), EM RECEPÇÃO NO ITAMARATY AO LADO DE PONTES DE MIRANDA E DO MINISTRO ESDRAS GUEIROS

re em Brasília, sou advogado, fui orador da turma no curso de Filosofia e tenho 31 anos. Há oito meses tento falar com você e não consigo, mas já sei tudo sobre a sua vida e você é a mulher que escolhi para me casar.”



iva, a pioneira ouvia as histórias sobre a transferência da capital para o Planalto da construção. Com o casamento, em 1959, o sonho se realizou

O ENTUSIASMO DE NATANRY AO VIR PARA BRASÍLIA É HOJE COMPARTILHADO COM FILHOS E NETOS

Não foi apenas a forma como o advogado Antônio Carlos Osório se apresentou que chamou a atenção de Natanry. "Naquele momento fiquei deslumbrada com a possibilidade de vir a realizar meu sonho de morar em Brasília", garante a pioneira. Em meados de 1959 os dois se casaram e mudaram para a desolada Cidade Livre.

Atraída pelos desafios e pelo sonho de participar da construção de Brasília, a estudante abandonou a faculdade e o conforto do lar para mergulhar na grande epopéia. A normalista buscou em Taguatinga, no primeiro colégio público, uma forma de contribuir para a consolidação do sonho de Juscelino. Sob a coordenação da professora Santa Soyer e do dr. Ernesto Silva, Natanry alfabetizou mais de cinquenta candaguinhos.

Dentro de um ônibus caindo aos pedaços a gestante seguia todos os dias ao lado dos operários pelas estradas de terra esburacadas rumo ao colégio, que funcionava próximo ao Hospital São Vicente. Para não entrar na sala de aula com os pés sujos de barro, ela tinha sempre um par de sapatos na escola para trocar. "As dificuldades, embora existissem, não tinham importância, passavam despercebidas. Elas foram superadas pela esperança, pela fé e pela certeza de que éramos únicos e necessários na concretização de uma profecia e um ideal. O entusiasmo era a tônica reinante. Éramos todos predestinados a construir uma cidade mística, sob o comando carismático de Juscelino Kubitschek. Sabia que todas as dificuldades eram passageiras e foi um privilégio para mim participar desse

desafio. Se existiam problemas, eu os ignorava", afirma.

O primeiro endereço do casal foi o Hotel Santos Dummont, no Núcleo Bandeirante, onde ficaram por pouco tempo. A mudança para o Hotel Normandie não trouxe grandes progressos. O quarto era tão pequeno que, para dar a passagem a outra pessoa, ela tinha que subir na cama. O banheiro coletivo funcionava no corredor e o banho só era possível com um balde, que despejava água fria. "O guarda-roupa foi improvisado usando um cordão no meio do corredor, onde a roupa era pendurada". Para a tristeza da hóspede, os lençóis de linho bordados e parte do enxoval que usava eram lavados em Goiânia e por lá ficavam. "A terra vermelha daqui impregnava os tecidos." Depois que o primeiro filho nasceu, os Osórios se mudaram para Taguatinga. Aconchegado em um Moisés (berço portátil), o primogênito também a acompanhava até a escola. "Ele ficava na sala da diretora, Anísia Rocha, e na hora de amamentá-lo,

nós revezávamos e ela assumia a sala de aula para mim".

A vida social no cerrado

Com a consolidação da nova capital e a transferência da República, o mais novo centro político do país atraía cada vez mais personalidades ao Planalto. Natanry participava ativamente da vida social ao lado do marido. Numa dessas visitas, ela teve a honra de receber em sua casa, para um jantar, a visita do estilista francês Pierre Cardin. Sempre na moda e desfrutando de medidas de uma miss, a anfitriã também costumava frequentar os salões da alta sociedade no Brasília Palace Hotel e no Itamaraty.

Mas nem tudo eram flores. Natanry sabia dizer não quando era preciso, principalmente para defender o marido. "Uma vez apareceu um senhor com uma enorme faixa de propaganda de Jânio Quadros na mão, a pedido do governador Paulo de Tarso. Ele queria fazer do escritório do meu marido um comitê pró-Jânio." A postura da esposa, contrária à atitude daquele senhor, o fez vi-

rar as costas e ir embora. "Disse que não queria a faixa ali e que era um engano, mas que iria falar depois com meu esposo."

A ex-atriz de teatro também guarda na lembrança o som que vinha do alto-falante do rádio-jornal que transmitia a trilha de *A ponte do rio Kuai*. De tanto ouvi-la, em pleno mal-estar dos primeiros meses de gestação, "causou-lhe durante muito tempo um certo arrepio".

A disposição e a força de vontade da pioneira na alfabetização dos alunos e nos trabalhos sociais a levaram a receber a Medalha do Mérito Alvorada e a presidir a Ação Social do Planalto. Mas ela garante que o trabalho em benefício da capital ainda não terminou. "O privilégio de ser personagem de uma história, de participar da construção da cidade que nasceu do nada me contagiou e ainda permanece. Amo Brasília e me orgulho de ter visto a cidade nascer e crescer. No que depender de mim, tudo farei para preservá-la", declara a administradora do Lago Sul.



“AQUELE CÉU IMENSO, AS NUVENS BARROCAS, A DIVERSIDADE DO CERRADO, O RITMO ACELERADO DAS CONSTRUÇÕES, OS ESQUELETOS DE PRÉDIOS EM ESTRUTURA METÁLICA E TRATORES POR TODO LADO, AQUILO TUDO ME FASCINAVA”

Raio X

Nome: Natanry Ludovico Pinheiro Lacerda Osório
Idade: 65 anos
Origem: Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1959
Estado civil: Casada com o advogado Antônio Carlos Osório
Profissão: Administradora do Lago Sul
Filhos: Antônio Cândido, Maria Karla, Maria Cecília, Antônio C. Filho e Diva Maria
Netos: Maria Karenina, Raissa, Marcela, Rafael, André, Pedro, Ana Carolina, Ana Cecília, Rafaela